

A FILOSOFIA E AS MULHERES:

o apagamento do pensamento feminino na Filosofia

Philosophy and women: the concealment of female thought in Philosophy

Shayane Vitória Silva^(*)

José Benedito de Almeida Júnior^(**)

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo sobre a questão da liberdade das mulheres e as limitações que sofriam e sofrem por diversas questões relacionadas à determinação de papéis sociais para os gêneros. Nossa fundamentação teórica principal é a obra de Elisabeth Badinter, especialmente *Emilie, Emilie: a ambição feminina no século XVIII* (2003). Badinter pesquisou e reflete sobre as restrições sociais que as mulheres sofriam no século XVIII. A consequência deste processo é que a iniciativa de se tornarem cientistas, escritoras, diplomatas, magistradas e outras funções similares, eram consideradas ruins para a sociedade, uma vez que a ambição feminina causaria desordem na sociedade, por não condizer com a natureza das mulheres. Além disso, este trabalho analisa também artigos sobre a participação das mulheres nos programas de pós-graduação em Filosofia no Brasil que apresentam a redução da proporção de mulheres na medida em que se aumenta o grau de especialidade das pesquisas.

Palavras-Chave: Filósofas. Mulheres. Filosofia. Feminina. Pós-Graduação.

Abstract

This paper aims to present a study on the issue of women's freedom and the limitations they have suffered and suffer for various issues related to the determination of social roles for genders. Our main theoretical foundation is the work of Elisabeth Badinter, especially *Emilie, Emilie: the female ambition in the 18th century* (2003). Badinter researched and reflected on the social restrictions that women suffered in the 18th century. The consequence of this process is that the initiative to become scientists, writers, diplomats, magistrates and other similar functions was considered bad for society, since the female ambition, it would cause disorder in society, for not matching the nature of women. In addition, this work also studies articles on the participation of women in postgraduate programs in Philosophy in Brazil which show a reduction in the proportion of women as the degree of research expertise increases.

Key words: Philosophers. Women. Philosophy. Feminine. Postgraduate.

1 INTRODUÇÃO

As obras filosóficas escritas por mulheres não são valorizadas como as dos homens. Na graduação de filosofia, por exemplo, os filósofos estão mais presentes nos conteúdos das disciplinas e são muito mais pesquisados. Essa não valorização não se dá apenas na Filosofia, mas também em diversas áreas da educação. Os assuntos tratados pelas mulheres, ou são esquecidos, ou simplesmente abordados de modo muito superficial. A produção de pesquisas sobre determinadas questões filosóficas, com base

^(*)Graduanda do curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisadora PIVIC-UFU. Estagiária da Residência Pedagógica.

^(**)Professor Doutor do Instituto e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

em um estudo feito por uma mulher é de extrema importância para a valorização do seu trabalho e esforço. Não se pode desmerecer o estudo dos filósofos, isso é certo, mas nossa questão principal é a valorização das mulheres filósofas, que têm produzido obras importantíssimas, porém pouco pesquisadas e referenciadas.

Observando-se o não protagonismo das mulheres no âmbito filosófico, a Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) proporcionou um evento para ser discutida exclusivamente a desigualdade de gênero na Filosofia, tentar compreender o porquê da falta de reconhecimento da mulher no âmbito filosófico. Analisaremos também uma obra feita pela filósofa francesa Elisabeth Badinter, que expõe a dificuldade de duas mulheres do século XVIII de se encaixarem num mundo intelectual que era destinado apenas aos homens. O objetivo desse projeto é problematizar e analisar as questões em relação à mulher na filosofia e em como não tiveram e não têm suas obras reconhecidas, tendo como principal fundamentação teórica a obra: *Emilie, Emilie. A ambição feminina no século XVIII*, da filósofa Elisabeth Badinter.

Iniciamos nossas reflexões apresentando a concepção de três filósofos a respeito das mulheres: Maquiavel, Nietzsche e Rousseau. É muito comum encontrarmos, mesmo nas obras de filósofos críticos de seu tempo, concepções machistas que, via de regra, desclassificam as mulheres de modo ontológico, apresentando-as como inferiores aos homens. Veremos abaixo um pequeno excerto de Maquiavel, um capítulo do *Zarathustra* de Nietzsche e apresentaremos uma pequena introdução à educação de Sofia, uma personagem do *Emílio ou da Educação* de Jean-Jacques Rousseau.

Em Maquiavel, encontramos uma referência às mulheres no *Príncipe*, especificamente no capítulo *Quanto pode a sorte nas coisas humanas e de que modo se lhes resiste*. A expressão *sorte* se remete à deusa *Fortuna* e sua analogia leva em conta que a sorte terá o mesmo comportamento das mulheres. Neste capítulo ele afirma que a sorte é imprevisível, mas se nos adiantamos a ela e criamos barreiras que previnem seus caprichos, então podemos sair vitoriosos nesta luta contra os acasos:

Julgo melhor ser impetuoso do que cauteloso, porque a sorte é mulher, e é necessário para dominá-la, bater-lhe e feri-la. Vê-se que ela se deixa mais facilmente vencer por aqueles do que pelos que se conduzem friamente. Ainda, como mulher que é, ama ela os jovens, porque estes são menos cautelosos, mais bravios e com maior audácia a dominam. (MAQUIAVEL, 1995, p. 146)

Características da mulher neste excerto: sorte (inconstante), caprichos (exigentes). Nossa leitura de outras obras de Maquiavel sobre as mulheres, inclusive das

peças de teatro, não nos demonstram qualquer possibilidade de ponderação de uma mentalidade machista. As decantadas sensibilidade ou virtude femininas, são apenas mais um reforço de um princípio machista.

Friedrich Nietzsche não foge ao espírito geral do pensamento machista maquiaveliano e mantém os mesmos princípios: as mulheres são caprichosas, volúveis e, para que um homem imponha sua vontade à ela, deverá recorrer, se necessário, à violência. O capítulo *Das velhas e novas mulherezinhas* se encontra no *Zarathustra* que era considerada, pelo próprio autor, a sua principal obra. No capítulo em questão, o filósofo descreve um encontro de seu personagem com uma mulher idosa e esta lhe diz que queria ouvir o que o filósofo tem a dizer sobre as mulheres. A partir daí começa seu discurso. Em primeiro lugar ele dirá que tudo o que a mulher deseja é um filho e que os homens são apenas um meio para isso. Porém, o que seria a mulher para o homem? Segundo o filósofo, um brinquedo perigoso. Depois disso ele descreve como concebe a relação entre homens e mulheres:

O homem deve ser educado para a guerra e a mulher, para o descanso do guerreiro: tudo o mais é tolice. [...] A felicidade do homem é: eu quero. A felicidade da mulher é: ele quer. [...] E obedecer deve a mulher, e achar uma profundidade para sua superfície. Superfície é o ânimo da mulher, uma pele movediça e tempestuosa sobre uma água rasa. Mas o ânimo do homem é profundo, sua corrente ressoa em cavernas subterrâneas: a mulher intui-lhe a força, mas não a compreende. (NIETZSCHE, 2018, p. 63)

O trecho mais problemático, porém, é o que encerra o capítulo. Segundo a narrativa é a senhora idosa quem lhe dá o conselho: “*Vais ter com as mulheres? Não esqueças o chicote!*” (2018, p. 64) concluindo do mesmo modo que Maquiavel: 1) que as mulheres devem ser dominadas pelos homens; 2) que o uso da violência é permitido para este fim.

Há vários trabalhos de estudiosos e estudiosas de Nietzsche que refletem no sentido de interpretar suas concepções sobre as mulheres de modo relativo. Alguns a partir das questões biográficas do autor, outros, buscando no interior da obra outras passagens que tentam relativizar o teor das palavras do filósofo. Em nossa perspectiva, parece-nos legítimo refletir mesmo sobre aspectos polêmicos, porém, nada disso enfraquece a percepção de que Nietzsche, como outros tantos filósofos, em sua obra, fortalece uma concepção machista de sociedade.

Jean-Jacques Rousseau, contemporâneo de Madame du Chatelêt, escreveu muito sobre as mulheres, tanto no já citado *Emílio ou da Educação*, como em *Julie ou a Nova Heloísa*. Em ambos os trabalhos, Rousseau faz extensas análises sobre a natureza das

mulheres e como o processo de educação deve atender a estes princípios naturais. O problema, como em todos os outros filósofos que refletiram sobre isso, é a confusão entre natureza e papel social. Rousseau é o filósofo que nos dirá que o homem é bom por natureza e que, portanto, não devemos confundir o que vemos com o que a natureza forma: se, ao olharmos para a sociedade divisamos pessoas más, egoístas e violentas, devemos entender que isto não é fruto da natureza humana, mas da educação da própria sociedade, não é o homem da natureza, mas o homem do homem. Este princípio não foi válido em sua análise sobre as mulheres e ele frequentemente confunde o comportamento das mulheres, fruto de um processo educacional (que não é sinônimo de escolar) com a natureza: “O essencial é ser o que nos fez a natureza; somos sempre demais o que os homens querem que sejamos” (1992, p. 463). Quando ele vai apresentar os tais aspectos da natureza, evidentemente está apresentando os papéis sociais de gênero:

O que Sofia sabe mais a fundo, e que lhe fizeram aprender com mais cuidado, são os trabalhos de seu sexo, mesmo aqueles de que não se lembram como cortar e costurar seus vestidos. [...] Conhece a cozinha e a copa; sabe os preços dos mantimentos; conhece-lhes as qualidades; sabe muito bem fazer suas contas; serve de mordomo para sua mãe. Feita para ser uma mãe de família ela própria, governando a casa paterna aprende a governar a dela; é capaz de atender às funções dos criados e o faz de bom grado. (ROUSSEAU, 1992, p. 473)

Ao contrário de Maquiavel e Nietzsche, encontramos em Rousseau, uma postura de profundo respeito às mulheres. Destaca, insistentemente, a sensibilidade e o juízo das mulheres que deveriam ser constantemente lembrados como guias para os homens, porém, como observamos, mantém sempre um papel social de gênero como sinônimo de natureza e, como veremos, apesar do trecho abaixo indicar um equilíbrio, a questão está em definir o que é o mérito de cada um: “As mulheres são os juízes naturais dos méritos dos homens, como eles o são do mérito das mulheres: é um direito recíproco: e nem uns nem outros o ignoram”. (1992, p. 477). Melhor ainda se não se definisse estes méritos por papéis sociais, mas por princípios éticos válidos para todos e todas.

Por fim, destacamos, novamente, um aspecto duplo no pensamento de Rousseau. Ao contrário do seu antecessor Maquiavel e do sucessor Nietzsche, não há um desclassificação ontológica das mulheres, nem misoginia, mas uma postura de equilíbrio. Tanto os homens quanto as mulheres formam duas partes de um equilíbrio da sociedade, seja a pequena sociedade de uma família, seja da grande sociedade de uma nação ou, ainda, das comunidades onde vivem suas personagens Sofia e Julie.

A mulher tem mais espírito, o homem mais gênio; a mulher observa, o homem raciocina: dessa cooperação resultam a luz mais clara e a ciência mais completa que o espírito humano pode tirar de si mesmo, o conhecimento mais seguro, em suma, de si e dos outros que se acham ao alcance de nossa espécie. (ROUSSEAU, 1992, p. 463)

A questão é a definição de papéis, a mulher tem tais características e o homem outras, o que, numa análise simples, vemos que se trata somente de atribuição de papéis definidos culturalmente. O trecho acima indicou um certo equilíbrio, porém, o que o antecede vai de encontro com a típica mentalidade machista que ainda em nossos tempos – e nos últimos tempos mais ainda – se observa nos ambientes acadêmicos e científicos:

A procura das verdades abstratas e especulativas, dos princípios, dos axiomas nas ciências, tudo o que tende a generalizar as ideias não é da competência das mulheres, seus estudos devem todos voltar-se para a prática; cabe a elas fazerem a aplicação dos princípios que o homem encontrou, e cabe a elas fazerem as observações que levam o homem ao estabelecimento de tais princípios. (ROUSSEAU, 1992, p. 463).

Maquiavel é bastante objetivo e não faz sucintas análises sobre a ontologia das mulheres: seu discurso autoriza e recomenda a violência contra elas. Nietzsche, por sua vez, também recomenda e autoriza a violência, além de fazer análises que parecem tratar sobre a natureza das mulheres, mas apenas descrevem preconceitos culturais de sua época, tal é a força da mentalidade machista dele e de seu tempo. Por fim, Rousseau não autoriza nem recomenda a violência contra as mulheres, e percebe o equilíbrio entre homens e mulheres no que se refere aos indivíduos e à sociedade; como autor que procura a natureza humana para além das máscaras sociais, no que tange às mulheres, não consegue superar os preconceitos de sua época e os reproduz todos.

2 SOBRE A MULHER NA FILOSOFIA

Foi criado em 1983, a Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) com o objetivo de ampliar as discussões sobre a filosofia no Brasil e a interação entre os cursos de pós-graduação e, além disso, discussões sobre política, ética, entre outros. Nos eventos realizados são discutidos assuntos que na graduação, ou nos eventos dentro da universidade não são abordados. O propósito dos eventos é a difusão de diversos temas contemporâneos e temas antigos. A questão sobre a desigualdade de gênero na filosofia foi um dos tópicos discutidos em um dos encontros. Os textos apresentados falavam sobre a questão da não visibilidade das mulheres no

âmbito filosófico e a dificuldade que é falar sobre a mulher na filosofia. Existe também uma página na internet disponível para que esses textos sejam expostos. A coluna ANPOF é um dos lugares em que esses textos são divulgados. Na coluna da ANPOF a pesquisadora Nastassja Pugliese escreve:

[...] a pesquisa sobre as obras filosóficas clássicas escritas por mulheres, se impõe a reflexão sobre as condições materiais, sociais e políticas do processo que se inicia no fazer filosófico e se concretiza na entrada das obras para a história. A exigência dessa reflexão parte também da observação da fragilidade do tema no presente contexto de ensino e pesquisa de filosofia no Brasil, evidenciada pelas poucas investigações sobre o tema, no pouco número de traduções das obras para o Português, na ausência de literatura secundária e das poucas conferências sobre suas contribuições.(ANPOF, 2019)

É possível perceber que no Brasil há uma ausência mais abrangente em relação aos estudos das obras feitas por mulheres, visto que não há traduções das obras para o português, o que acaba dificultando o acesso. Além disso, a ausência das mulheres no âmbito filosófico se dá também pelo fato de que as mulheres não tinham um espaço de reconhecimento, era indeferido a elas até mesmo os espaços intelectuais. Há também uma rede de mulheres filósofas da América Latina que foi criada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a rede tem como objetivo principal apoiar as mulheres que trabalham com filosofia na América Latina, proporcionar reconhecimento e visibilidade, visto que não há um espaço amplo para as mulheres que fazem pesquisas sobre filosofia. Assim como a ANPOF, a Rede também tem como principal objetivo difundir o conhecimento e dar visibilidade a pesquisas.

Fazendo uma breve pesquisa no site da ANPOF é possível encontrar os textos sobre diversos temas, assim como foi citado anteriormente. Nesse caso, a pesquisa foi direcionada a questão de gênero, especificamente na filosofia. Ao fazer a pesquisa, é possível perceber que nesses textos há uma forte presença do questionamento sobre a visibilidade da mulher como filósofa e também de como a filosofia pode parecer um conhecimento de âmbito masculino.

O encontro do ano de 2017 realizado pela ANPOF teve o tema centrado em psicanálise e gênero. Ao todo são quatro artigos dedicados sobre a questão de gênero, autoras de diferentes universidades, sendo essas: UFRJ, UFBA, UFOB, UNB. Além dos artigos publicados na coleção de cada encontro feito pela ANPOF, é possível fazer a pesquisa no site e identificar diversos textos curtos acerca da questão de gênero e temas relacionados a mulheres na filosofia, todos eles contendo referências no final da

publicação. As autoras dos textos sobre questões de gênero e mulheres filósofas são de diversas universidades do Brasil: Unicamp, UFRJ etc.

A Professora Maria Isabel Limongi, da UFPR, fez uma publicação no site da ANPOF com o título “A filosofia e a desigualdade de gênero”. Nessa publicação, a professora cita o encontro da ANPOF que deu abertura para a questão de gênero e filosofia. Essa abertura se deu também pelos dados da professora Carolina Araújo, que em 2015 fez um artigo evidenciando a quantidade de mulheres que fazem parte do âmbito filosófico na pós-graduação do Brasil. Nesse artigo intitulado “Mulheres na pós-graduação em Filosofia no Brasil – 2015” a autora destaca a redução da participação das mulheres, desde a graduação em filosofia até as funções docentes em programas de pós-graduação. Em sua análise encontrou os seguintes dados:

Se tomamos os dados da pós-graduação aqui levantados em contraste com os números mais recentes da graduação (2014), temos que as mulheres são 38,4% dos graduados, 28,45% dos discentes matriculados na pós-graduação, 28,36% dos discentes da pós-graduação em geral, 20,94% dos docentes permanentes da pós-graduação, 19,95% dos docentes de pós-graduação em geral [...] temos que, **entre a base (38,4%) e o topo (19,95%), a proporção de mulheres diminui em 48%, enquanto a de homens, desde o início maioria, aumenta em 29,95%, de 61,6% na base para 80,05%.** (2015, p. 8, destaques da autora)

Esta redução da participação das mulheres no âmbito da pós-graduação em geral é um indicativo de que as posições consideradas de maior prestígio e as que melhor remuneram, na carreira profissional, são ocupadas paulatinamente por homens. Assim a autora conclui a análise destes números: “Em outras palavras, no sistema da Pós-Graduação em Filosofia no Brasil, uma mulher tem aproximadamente 2,5 vezes menos chance do que um homem de chegar ao topo da carreira profissional”. (2015, p. 8). Podemos, então, entender que obras dos filósofos homens são mais valorizadas no âmbito da história da filosofia e isso se reflete na pesquisa acadêmica na valorização dos homens como pesquisadores.

A professora Maria Isabel Limongi chama a atenção em relação à evasão de mulheres no curso de filosofia, pondo em questão que a desigualdade de gênero seria mais presente na pós-graduação do que na graduação. Sem dúvida, as mulheres têm sim interesse na filosofia, mas algo as impede de prosseguir suas carreiras. Na coluna da ANPOF a pesquisadora Maria Isabel Limongi escreve:

Mas, se a Filosofia não é “masculina” ou “feminina”, é certo que é perpassada por uma disputa de gênero, sendo muitas vezes utilizada como uma forma de dominação, não só de gênero, mas também. O episódio que ocasionou a série de artigos publicados no New York Times é bastante significativo quanto a isso: o professor acusado de assédio alega que a acusante não conhece filosofia da linguagem o suficiente para

distinguir os diversos contextos de comunicação e interpretar corretamente as palavras proferidas por ele, que foram então mal interpretadas como uma forma de assédio sexual. Ao desqualificar desse modo a mulher que o acusa, o professor incorre no que se chamaria um assédio moral – o que fortalece a acusação contra ele!(ANPOF, 2016)

Com a citação acima pode-se perceber que a filosofia, mesmo não sendo direcionada a um gênero específico, assim como nenhuma outra área da educação, nesse caso isolado sobre o assédio, o professor foi capaz de usar a filosofia para sua autodefesa. É claro que devemos ter bastante cuidado ao falar sobre o assunto, afinal, a filosofia jamais deve ser associada a tal tipo de comportamento. É importante nos atermos a esses tipos de casos, pois, pode ser um dos motivos dos quais muitas mulheres desistem de terminar determinado curso ou seguir a carreira acadêmica. Ao fazer a reflexão sobre esse problema é importante entender que não ocorre somente na área da filosofia ou no âmbito acadêmico em geral, mas é importante pensar que esses comportamentos perpassam todos os ambientes de trabalho de uma sociedade.

3 SOBRE A AMBIÇÃO DA MULHER

No início de sua obra, Elisabeth Badinter tem como principal objetivo salientar o que era pensado sobre a ambição. A ambição, assim como as paixões, era tida como negativa, pois em determinadas épocas, filósofos, religiosos, expunham sobre o perigo da ambição e das paixões femininas.

O foco de Badinter é voltado a duas mulheres do século XVIII; Madame d'Épinay e Madame du Châtelet. Em sua obra, a filósofa evidencia as diferenças e semelhanças entre as duas. Ambas tiveram apoio dos pais. A relação que tiveram com suas mães foi de mais severidade e a relação com seus pais de mais proximidade e afeto. Ao falar sobre a relação paternal e maternal, Badinter revela que as duas foram incentivadas pelo afeto e severidade dessas relações. É certo que as ambições dessas duas escritoras estavam ligadas, de certa forma, à relação que tinham com seus pais.

Naquela época, a única coisa designada a uma grande maioria das francesas era a submissão e o trabalho, mas aquelas que tinham condições conseguiam fugir desses padrões impostos. Badinter deixa claro que Madame d'Épinay e Madame du Châtelet possuíam independência e vontade para realizar as suas ambições devido ao status social de privilégio, uma vez que ambas vieram de casas nobres. Sendo assim, conseguiram por meio de estímulos, mesmo que não voluntários, alcançar suas respectivas vontades. É importante ressaltar que a diferença entre as duas também está

relacionada a riqueza – Madame du Châtelet tivera mais condições que Madame d'Épinay. Badinter diz que, apesar de serem contemporâneas, foram educadas de formas distintas, devido a essa diferença social que havia entre as duas. Portanto, há também uma diferença em relação à educação que ambas tiveram.

As duas escritoras foram criticadas por outras mulheres de sua época. A partir disso, Badinter destaca que uma das semelhanças entre as duas era o desprezo em relação ao que os outros pensavam sobre elas. E que por essa razão suas ambições e determinações eram cada vez mais instigadas.

Badinter, em uma passagem do livro, dá uma explicação do que o ambicioso necessita; para ela, a ambição não deve ser definida apenas pelo objeto, “ela é também, e talvez em primeiro lugar, uma meditação do sujeito sobre ele mesmo.” (BADINTER, 2003, p.147). Portanto, a pessoa ambiciosa está preocupada não só com as coisas ao seu redor, mas primeiramente, com ela mesma, o que permitiria o surgimento de um narcisismo.

Para a filósofa, o ambicioso ama admirar-se e ama que os outros o vejam como o melhor. Badinter ressalta também que a ambição feminina teria de passar pela “mediação” dos homens. Aqui a referência à mediação diz respeito ao fato de que naquela época (XVIII) as mulheres não tinham acesso a determinadas coisas:

Os homens não lhes deram o poder, mas a cultura. Sem seus laços de amizade e talvez mesmo sem suas relações amorosas, jamais teriam sido aquilo que foram, pois nada, no destino feminino, permitia chegar às esferas reservadas havia tanto tempo ao círculo masculino. (BADINTER, 2003, p.162)

O não protagonismo da mulher, de certa maneira, se deu também pela falta de acessibilidade a espaços intelectuais, que antes eram destinados apenas a homens nobres. Madame du Châtelet e Madame D'Épinay, por serem mulheres privilegiadas, no sentido de terem tido acesso a esses espaços intelectuais, conseguiram ganhar um espaço em lugares majoritariamente destinados a homens.

Mesmo ambas sendo contemporâneas, Madame d'Épinay e Madame du Châtelet não pertenciam à mesma geração. Seus interesses eram diferentes. Enquanto Madame Du Châtelet se interessava por disciplinas especulativas, Madame d'Épinay se interessava pelos problemas da sociedade. Ambas tiveram suas influências em campos diferentes do conhecimento. Madame Du Châtelet interessada em metafísica e na física

newtoniana e Madame d'Épinay pela pedagogia, e teve como uma de suas referências, o filósofo Jean-Jacques Rousseau e o escritor Friedrich Melchior von Grimm.

As relações afetivas que essas mulheres tiveram foram consideravelmente um peso em relação às suas ambições, de forma positiva e negativa. Positiva, se for pensado em como essas relações as ajudaram a “desviar-se” das “estatísticas” de mulheres que não possuíam influência alguma no mundo intelectual daquela época; e negativa, se a relação de proximidade com esses homens influentes fosse algo mais importante do que a inteligência dessas duas mulheres. Badinter problematiza essa questão, colocando em perspectiva a inversão dos papéis: Madame du Châtelet, que tivera uma relação de proximidade com Voltaire e o ajudou na construção de alguns dos seus trabalhos, não é reconhecida por esse fato, mas Voltaire é sempre citado quando o assunto é a Madame du Châtelet. A questão que Badinter expõe é:

Se fosse preciso expor a ambição masculina no século XVIII e particularmente a de Grimm e Voltaire, deveríamos evocar suas relações afetivas e delas fazer condição necessária à sua ambição? (BADINTER, 2003, p.215).

A resposta é negativa, devido ao fato de que os homens já possuíam seus lugares de poder e eram reconhecidos pelo seu intelecto e não por suas relações afetivas. Apesar de terem tido uma relação muito próxima a esses homens, e que de alguma forma teriam ajudado na trajetória de suas respectivas carreiras, as duas mulheres conseguiram aproveitar isso de uma forma positiva.

É sabido que os homens são sempre reconhecidos pelos seus trabalhos e sempre têm os seus nomes à frente de suas obras, assim como já foi citado nesse texto. Madame du Châtelet e Madame d'Épinay foram tão importantes para Voltaire e Grimm quanto eles foram para elas. É certa a influência que Voltaire teve na carreira de du Châtelet, mas a influência dela na carreira de Voltaire não é tão reconhecida, contudo há registros que evidenciam a presente participação de Madame du Châtelet nas obras de física e metafísica de Voltaire, e ele mesmo fala sobre a importância dela.

Madame d'Épinay fez a sua pedagogia voltada a “combater” a submissão e dependência que eram impostas às mulheres de sua época. Em contrapartida a Rousseau, d'Épinay demonstra em sua obra que há uma igualdade entre os sexos opostos. Madame d'Épinay foi de extrema importância para as mulheres de sua época.

O programa de estudos que Louise reserva para a neta, até crescer é de uma rara ambição para a época. Abre amplamente às mulheres os domínios da literatura francesa e ciências sociais. (BADINTER, 2003, p.377).

A crítica de d'Épinay a Rousseau é sobre um princípio de dependência com o qual ela não concordava e, com sua obra, conseguiu transmitir o que pensava em relação à mulher ser dependente de uma figura masculina.

E a grandeza incomparável de Madame d'Épinay é ter compreendido dois séculos antes que muitos outros que as mulheres deveriam batalhar, elas mesmas, pela sua felicidade, em vez de ficar esperando unicamente pelos homens.(BADINTER, 2003, p.378).

Mesmo depois de terem suas obras publicadas, as duas escritoras não tiveram o total reconhecimento que desejavam. É certo que as ambições dessas duas figuras do século XVIII, mesmo que não tenham tido suas obras como principal foco, conseguiram de certo modo transmitir os problemas acerca de uma sociedade que impõe às mulheres uma submissão e dependência de uma figura masculina. E Madame du Châtelet e Madame d'Épinay foram duas das mulheres de tempos difíceis capazes de se inserirem no mundo que era destinado apenas aos homens.

Madame d'Épinay escreveu diversos livros durante sua vida, mas assim como foi citado anteriormente, a escritora não é reconhecida por seus trabalhos. Pesquisar sobre Madame d'Épinay ou sobre Madame du Châtelet pode ser um desafio, visto que suas obras não possuem tradução para o português. Sendo assim é importante dar crédito às pesquisadoras e pesquisadores do nosso país que conseguem disponibilizar o conteúdo em nossa língua.

Os livros que Madame d'Épinay escreveu são: *Conversations d'Émilie* (1774), que foi dedicado a educação de sua neta; escreveu também *Mémoires et Correspondance de Mme d'Épinay, renfermant un grand nombre de lettres indites de Grimm, de Diderot, et de J.-J. Rousseau, ainsi que des details, &c.* (1818), que é basicamente uma autobiografia onde divulgou cartas e documentos. Além desses dois, Madame d'Épinay também escreveu *Correspondance de l'abbéGaliani* em 1818 e mais duas obras que foram publicadas anonimamente: *Lettres a monfils* e *Mesmomentsheureux*.

Assim como Madame d'Épinay, Madame du Châtelet também não foi reconhecida pelas suas obras, mas de todo modo também conseguiu publicá-las. Madame du Châtelet escreveu: *Institutions de Physique* (1740); *Institutions*

physiques(1742);*Dissertation sur la nature et la propagation du feu* (1752) ; a tradução e comentários dos *Princípios*, de Isaac Newton: *Principes Mathematiques de la Philosophie Naturelle* (1759; *Discours sur le bonheur* (1779), *Doutes sur les Religions Révélées Adressées à Voltaire* (1792) e também *Essai sur l'Optique*(não se tem ideia da data em que escreveu, foi descoberta sua autoria em 2006). É importante lembrar que ainda não há traduções disponíveis em português para as obras das duas escritoras, mas existem as ditas fontes “secundárias” que nos ajudam a entender um pouco mais sobre a trajetória e sobre a importância dessas escritoras, como é o caso do livro de Elisabeth Badinter: *Emilie Emilie, a ambição feminina no século XVIII*.

Elisabeth Badinter, filósofa e historiadora, conhecida principalmente por tratados filosóficos sobre o feminismo, possui vários livros publicados, como *Émilie, Émilie, L'ambition féminine au XVIIIe siècle* (2003); *L'Amour en plus: histoire de l'amour maternel (XVIIe-XXe siècle)*(1980) ; *L'Un est l'autre*(1986) ;*Le conflit, la femme et la mère*(2010), entre outros. Ao ler *Emilie, Emilie, a ambição feminina no século XVIII* é possível perceber que há muitas reflexões a serem feitas acerca de como a sociedade enxergava a mulher enquanto uma figura participava do meio intelectual, visto que, antigamente eram reconhecidas apenas como donas de casa, mães e esposas. Madame d'Épinay e Madame du Châtelet apesar de não terem tido sucesso em suas carreiras como escritoras ou filósofas foram e são importantes para a reflexão atual sobre os problemas que as mulheres sofrem no âmbito acadêmico e ou fora dele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão abordada sobre a não valorização do trabalho de mulheres durante anos, diz muito sobre a dificuldade de serem reconhecidas mesmo possuindo papéis importantes no mundo intelectual. As mulheres ainda não são valorizadas como os homens. Isso ocorre em todo lugar, inclusive em ambientes de elevado nível de escolaridade, como os programas de pós-graduação. A mulher parece precisar se destacar para ganhar o mínimo de respeito possível.

Sendo assim, é importantíssima a valorização dos estudos e pesquisas feitas por mulheres, sobre obras também feitas por mulheres. Assim como no caso das escritoras francesas, há outras mulheres que não tiveram a chance de serem reconhecidas pelos seus trabalhos. A representatividade das mulheres no âmbito acadêmico e também fora

dele é de extrema importância para a nossa época, que mesmo tendo feito grandes progressos ainda tem muito a melhorar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carolina. **Mulheres na pós-graduação em filosofia no Brasil – 2015**. São Paulo: ANPOF, 2016.

BADINTER, Elisabeth. **Émilie, Émilie**: A ambição feminina no século XVIII. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LIMONGI, Maria Isabel. **A filosofia e a desigualdade de gênero**. Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia. Coluna ANPOF. 2016.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução: Antônio D'Elia. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PUGLIESE, Nastassja. **A história da filosofia e as obras escritas por mulheres**: uma nota metodológica. Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia. Coluna ANPOF. 2019.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Tradução: Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SILVA, Mitieli Seixas da. ÉmilieduChatelêt. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas**: Mulheres na Filosofia. V.6, n.3, 2020, p. 76-88.

(Recebido em dezembro de 2020; aceito em janeiro de 2021)